



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

**Memorial Descritivo para Promoção à Classe de Professor Titular
da Carreira de Magistério Superior**

Prof^a. Carmi Ferraz Santos

RECIFE
NOVEMBRO/2022

Carmi Ferraz Santos

Memorial apresentado ao Departamento de educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para promoção funcional da carreira do magistério superior, da classe D de professor associado IV para a classe E de professor titular, conforme a resolução n. 086/2014 do conselho universitário (CONSU), UFRPE.

Área de atuação conforme a classificação utilizada pela CAPES:

70000000 CIÊNCIAS HUMANAS - 70800006 EDUCAÇÃO

RECIFE

NOVEMBRO/2022

*A meus pais, a quem furtaram o direito de estudar,
mas que me proporcionaram a condição de fazê-lo;
A Lucas e Caio inspiração maior da minha vida!*

SUMÁRIO

Introdução.....	05
Formação acadêmica.....	09
Trajetória profissional.....	22
A experiência docente.....	22
Outras experiências profissionais na UFRPE.....	31
Outras experiências profissionais para além dos muros da UFRPE.....	36
Considerações finais.....	39
Referências.....	42
Anexos.....	43

Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. (...) São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado...

Guimarães Rosa

Iniciei minha jornada escolar aos seis anos de idade na escolinha de Socorro e Tetê, duas senhoras que abrigavam no terraço da casa onde moravam crianças que ainda não estavam em idade de ingressar na escola pública¹, mas cujos pais ansiavam por verem seus filhos serem alfabetizados. Para meus pais, cujo acesso à escola não foi nada fácil (minha mãe só pode ser alfabetizada aos 10 anos numa escola em um engenho na cidade de Escada), garantir que os filhos fossem bem sucedido na escola era algo fundamental na criação de seus descendentes. Estudei por um ano com as dedicadas Socorro e Tetê, e, juntamente com toda uma geração de meninas e meninos do bairro de Ouro Preto, em Olinda; aprendi a ler e escrever. E, então, ao completar sete anos, pude ser matriculada no Grupo Escolar Maria Emília Romeiro Estelita, e estudar todo meu 1º grau menor (1ª à 4ª série) com a professora Dona Serlei (era assim que nós a chamávamos com ar de muito respeito). Dona Serlei era uma renomada professora daquele grupo escolar, e reconhecida em todo bairro de Ouro Preto. Quem conseguia matricular seus filhos com ela tratava de deixar bem claro para as crianças a sorte que haviam tido, e de que, por isso, deveriam se dedicar muito aos estudos, pois a professora era muito exigente. E já de início pudemos, eu e meus colegas, descobrir o quanto Dona Serlei era exigente, mas o que nossos pais não sabiam era o quanto ela era amável e gentil conosco, apesar de enérgica quando se fazia necessário. Levei durante toda minha vida escolar (inclusive na universidade) a experiência vivida com a professora Dona Serlei, que sempre foi para mim referência de uma prática docente que, embora

¹ Nessa época, a matrícula da criança no 1º grau menor na escola pública só podia acontecer a partir dos sete anos de idade. Sendo o acesso à pré-escola quase que restrito às famílias de melhor condição social que matriculavam seus filhos na escola privada.

preocupada com as exigências de cumprir um programa curricular, sabia nos enxergar cada aluno(a) como indivíduos.

Terminado os quatro anos do 1º grau, meus pais conseguiram uma vaga na disputada Escola João Barbalho, que ainda hoje está localizada próxima ao Parque Treze de Maio. Os primeiros dias nessa escola não foram tão tranquilos. Acostumada à sala de aula acolhedora de Dona Serlei, entro num sistema frenético do 1º grau maior, no qual os professores de diferentes disciplinas se revezam ao longo dos dias, entrando e saindo da sala de aula, dando-nos a impressão de sermos sempre mais um dos tantos alunos a quem tinham de “entregar” a matéria. E nos quatro anos nessa escola poucos foram os docentes que quebraram essa minha primeira impressão, que foi ao longo dos anos apenas se confirmando. Desses professores, destaco a professora Isabel, que, mesmo em meio a um momento no qual o governo ainda era ditatorial, fazia-nos refletir ao estudarmos os conteúdos de História, o que me fez encantar-me com a disciplina.

Já no 2º grau, teria que cursar um ano de disciplinas gerais e, ao final do primeiro ano, escolher um curso profissionalizante para continuar os estudos. Das possibilidades oferecidas aos alunos da escola pública, a única pela qual me interessei foi o Curso de Magistério, muito mais em razão da total falta de identificação com os outros cursos, do que a escolha consciente pelo magistério. No entanto, à medida em que as aulas na Escola Sylvio Rabelo foram se desenrolando, mais e mais eu me encantava pelo que lia e estudava, em especial as disciplinas de História da Educação e Didática (que à época tratava muito mais de técnicas de ensino que de reflexão do processo de ensinar e aprender). Embora não fosse obrigatória a ida das alunas² de magistério à escola antes das disciplinas de estágio, a professora Joana Coutinho, que ministrou didática nos dois anos de curso, fazia-nos ir à escola para fazermos observações e discutirmos em sala o que levantávamos a partir do que era estudado nas aulas da disciplina. Esse conhecimento acerca da realidade escolar durante todo o curso e nas regências dos estágios, fez com

² Nos anos nos quais estudei na Escola Sylvio Rabelo, as turmas eram exclusivamente de meninas. Acredito que não havia a exclusão da matrícula de meninos, mas naquele momento o curso de magistério ainda era visto como um curso só para meninas.

que eu me descobrisse professora, profissão que não deixei de exercer da formatura do meu Curso de Magistério até hoje, momento em que escrevo estas memórias profissionais, memórias, portanto, de uma professora.

E é curioso que me encontre nesse momento de minha vida profissional com a tarefa de escrever minhas memórias acadêmico-profissionais, num exercício não apenas de registro, mas, sobretudo, de reflexão acerca de meu exercício profissional. Digo curioso, porque inicio minha trajetória de pesquisa na UFRPE justamente com um projeto cujo título era “A escrita do professor como estratégia de formação”, e tinha por objetivo central compreender em que medida a prática da escrita a respeito do seu fazer docente permitia ao professor refletir a respeito de sua prática, contribuindo, assim, para a construção de uma intervenção mais autônoma. E agora estou eu em frente a uma folha em branco, diante do desafio de escrever e refletir a respeito de minhas memórias profissionais.

Mas em que se constitui esse ato de rememorar? Será a memória um retrato fiel do passado? Para Orofiamma (2000), a memória não pode ser entendida apenas como recordação, pois também é criação. Numa perspectiva construtivista da memória, entende-se que, ao se rememorar o passado, o que se procura é dar sentido a este passado, à luz do que se produziu até os dias de hoje. Ou seja, a rememoração do passado encontra-se impregnada do hoje. Para Walter Benjamin (1994), a força dos relatos está em que “um acontecimento vivido é finito, pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para o que veio antes e depois” (p.37). O que é endossado por Orofiamma(2000)

“o relato é ele mesmo portador de sentido, ele dá sentido às ações, aos eventos vividos e ele restitui um sentido global ao curso inevitavelmente caótico de uma existência sempre enigmática” (p.125)³.

³ “Les récit est en lui-même porteur de sens, il donne du sens aux actions, aux événements vécus et il restitue un sens global au cours inévitablement chaotique d’une existence toujours énigmatique”

Embora este memorial não tenha a pretensão de realizar uma análise do que tem sido minha trajetória acadêmica e profissional, constituindo-se muito mais numa descrição do que foi vivido ao longo de meu percurso, sobretudo, na UFRPE, a própria “escolha” do que lembro e do que esqueço para aqui relatar se dá em razão da significação que dou hoje às experiências que me trouxeram até aqui.

Formação acadêmica

E esse pensar, alimentado pelo presente, trabalha com os "fragmentos do pensamento" que consegue extorquir do passado e reunir sobre si. Como um pescador de pérolas que desce ao fundo do mar, não para escavá-lo e trazer à luz, mas para extrair o rico e o estranho, as pérolas e o coral das profundezas, e trazê-los à superfície, esse pensar sonda as profundezas do passado, mas não para ressuscitá-lo (...) O que guia esse pensar é a convicção de que, embora vivo, esteja sujeito à ruína do tempo, o processo de decadência é ao mesmo tempo um processo de cristalização, que nas profundezas do mar, onde afunda e se dissolve aquilo que outrora era vivo, algumas coisas "sofrem uma transformação marinha" e sobrevivem em novas formas e contornos cristalizados que se mantêm imunes aos elementos, como se apenas esperassem o pescador de pérolas que um dia descerá até elas e as trará ao mundo dos vivos como "fragmentos de 'pensamento', como algo 'rico e estranho' [...]"

Hannah Arendt, *Homens em tempos sombrios*

No final de 1984, terminando a formação do Magistério, precisava definir que curso pleitear através do vestibular para dar continuidade aos meus estudos. Nessa busca do que cursar, decidi por aquele que parecia agregar o que até então tinha me fascinado: o ensino e o estudo da história. Sendo assim, presto vestibular para o curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Sou aprovada e inicio meus estudos na UFPE em março de 1985. As primeiras aulas foram no antigo prédio do básico, lá cursávamos as disciplinas de Antropologia, Economia, Sociologia., Economia, disciplinas essas que me levaram a compreender o mundo de uma forma muito diferente e, inclusive, começar a perceber que a História estudada na escola estava muito distante daquilo que seria objeto de meus estudos agora na universidade. Eram momentos bem agitados, a universidade se abria para a discussão de uma série de temas interditados durante os anos da ditadura, ocupávamos as ruas em protestos e movimentos políticos como em 1986 quando tivemos a campanha para eleição de Miguel Arraes para o governo do estado de Pernambuco.

No mesmo ano em que começo a graduação na UFPE, assumo uma turma do último ano da Educação Infantil (na época chamada pré-escola) numa escola que ficava dentro de uma comunidade rural em Araçoiaba, e mantida pela Igreja Batista de Casa Amarela. Essa experiência e os desafios advindos

dela, fizeram-me buscar leituras sobre o processo de ensino-aprendizagem dessa etapa escolar e, sobretudo, aqueles relativos à alfabetização. E durante todo curso de História estive nesse processo de, paralelamente à formação acadêmica que recebia na universidade, buscar referências teóricas mais do campo da Educação. Todo esse processo se intensificou quando em 1988 fui aprovada num concurso da então Fundação Guararapes para lecionar em turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, o que me levou a participar de momentos de formação em serviço cujas temáticas em certos momentos se aproximavam das dúvidas e questionamentos que eu levantava a partir da minha realidade na sala de aula. Em outros momentos, nem tanto, pois pareciam ter sempre em mente professores e alunos ideais, longe do que tínhamos em nossas escolas; mas, mesmo isso, contribuíam para que parássemos para pensar sobre nossa prática e dividíssemos nossas dificuldades e conquistas enfrentadas com nossos alunos no dia a dia.

Aliado a tudo isso, o início das disciplinas que cursávamos no Centro de Educação como parte de nossa formação na licenciatura em História me conduziu ainda mais na direção das reflexões acerca dos processos educativos. Deparar-me com as leituras que fazíamos nas disciplinas de Introdução à Educação, Didática (bem diferente do que víamos no curso de magistério), Psicologia da Aprendizagem, Prática de ensino; cujas reflexões eram conduzidas por professores tais como Flávio Brayner, Armando Vasconcelos, José Batista, dentre outros; fez-me afastar-me cada vez mais do estudo da História e me aproximar das discussões acerca dos processos de ensinar e aprender. Todo esse percurso acabou por levar-me a fazer um novo vestibular, agora para o curso de Pedagogia.

Em janeiro de 1990, sou aprovada no vestibular, e em março desse mesmo ano ingresso no curso de Pedagogia da UFPE. Exceto pela disciplina de Estatística Aplicada à Educação (que odiei do primeiro ao último dia de aula), fui me identificando cada dia mais com as temáticas e discussões promovidas no curso. Os debates em sala de aula orientados a partir da leitura de autores tais como Luiz Antonio Cunha, Ana Lúcia Faria, Dermeval Saviani, Barbara Freitag, José Carlos Libaneo; levava-nos a pensar e repensar a educação no Brasil naquele momento, e motivava-nos a acreditar que

podíamos fazer diferente e, com isso, fazer a diferença no percurso escolar de nossos alunos, contribuindo, assim, para a construção de uma sociedade mais justa social e economicamente. Mas, ao mesmo tempo, esbarrávamos numa discussão que parecia não chegar a um denominador comum: a disputa entre competência técnica e compromisso político.

Como professora dos anos iniciais, um dos meus grandes desafios era a dificuldade dos alunos em relação à aprendizagem da língua escrita. No semestre de 1991.1 curso a disciplina de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, que foi ministrada pelo professor Artur Gomes de Moraes. Tal disciplina foi, sem dúvida, um marco em minha formação e muito contribuiu para meu percurso acadêmico e profissional. Foi no curso dessa disciplina que me deparei com reflexões e referências que muito me auxiliaram a compreender o que se passava em minha sala de aula com relação ao ensino de língua portuguesa e à aprendizagem do sistema de escrita alfabética, colocando, assim, diante de mim o desafio de repensar minha prática docente. Das leituras realizadas, duas foram fundamentais e muito impactantes. A primeira, foi o livro “Linguagem e Escola – Uma perspectiva social”, de Magda Soares, e, a partir de sua leitura pude compreender que muitas das práticas e posturas assumidas na sala de aula em relação à língua e seus usos acabavam por contribuir muito mais para o fracasso escolar do aluno da escola pública não só em relação à aprendizagem da língua. Para a autora, muito mais que questões de natureza técnica, o ensino implicava uma postura política, e, justamente por questões de natureza política, fazia-se urgente repensar a prática em sala de aula.

Outra referência fundamental para repensar minha prática foi a obra “Reflexões sobre alfabetização”, de Emília Ferreiro. Sendo naquele momento professora de uma turma de alfabetização, a leitura dessa obra foi fundamental para a compreensão do que ocorria com meus alunos no seu processo de aquisição da escrita, e apontava para a inadequação de muitas das atividades por mim aplicadas em sala de aula. Perceber isso gerou muita angústia, pois não sabia ao certo o que colocar no lugar, não havia aprendido como alfabetizar a partir dos aspectos agora destacados pelas pesquisas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky. Mas esse foi o início de uma longa caminhada, e

dessas leituras outras se sucederam pois eu buscava avidamente suporte teórico e prático para as demandas colocadas pela sala de aula no que diz respeito ao ensino da língua escrita. O material elaborado para o Ciclo de Alfabetização da Prefeitura da Cidade do Recife a que eu tinha acesso muito contribuiu nesse processo, mas ainda havia muitos aspectos em aberto, havia ainda um longo caminho a percorrer no sentido de pensar e elaborar novas práticas de alfabetização.

Ao mesmo tempo em que tais leituras faziam-me questionar minha prática e formação profissional que havia recebido, inquietava-me a postura que era assumida, sobretudo nas formações continuadas recebida na rede de ensino na qual trabalhava, em relação aos saberes construídos pelos docentes (dos quais eu também fazia parte) ao longo de sua história profissional. Às vezes, éramos levados a pensar que deveríamos jogar fora toda uma experiência construída. Os processos formativos propostos se valiam incoerentemente de uma abordagem totalmente bancária, buscando nos redimir de nosso ensino bancário, livresco, etc., etc., etc. Nossos alunos não deviam ser encarados como tábulas rasas, mas nós deveríamos apagar tudo que havíamos construído e assumir novas práticas, que, muitas vezes, não nos apontavam quais eram.

Já finalizando o curso de Pedagogia, essas inquietações e “queixas” foram por mim colocadas em um seminário que tive de apresentar na disciplina Coordenação Pedagógica, cuja temática da qual deveria tratar era o papel formador do coordenador pedagógico. Ao final da apresentação, a professora Telma Santa Clara, responsável pela disciplina, perguntou-me porque eu não transformava aqueles meus questionamentos num projeto de pesquisa para o mestrado. Confesso que não dei muita atenção à sugestão feita pela professora, pois, como aluna vinda de família pobre, só pensava em terminar a faculdade e poder trabalhar em outra rede de modo a que, com um salário melhor, pudesse ajudar minha família. Mas a professora foi insistente em sua “sugestão”, e todas as aulas posteriores ao seminário me perguntava de meu projeto. Eu acabei ficando constrangida de ver alguém acreditando em algo que eu podia fazer e eu mesma não estar dando muito crédito. Resolvi, então,

rabiscar umas ideias e fui pouco a pouco, com a ajuda da professora Telma, construindo meu projeto para o mestrado.

Fiz a seleção, passei na prova escrita, mas fui reprovada no projeto. Estava muito incipiente, disseram-me. Decidi não desistir do mestrado, pois as leituras e reflexões que fiz na construção do projeto, aguçaram ainda mais minhas inquietações. Mas a gravidez de meu primeiro filho me fez adiar a tentativa de uma nova seleção. Nesse meio tempo, conheci a professora Eliana Matos, que muito me incentivou a voltar a fazer a seleção, e gentilmente se dispôs a me ajudar na reelaboração do projeto.

Fui então aprovada, e em 1996 inicio no Mestrado em Educação da UFPE, na linha “Didática de Conteúdos Específicos”, com o projeto sobre formação de professores alfabetizadores. E para minha grata surpresa seria orientada pelo professor Artur Gomes de Moraes, recém chegado do Doutorado na Espanha. Como única orientanda dele no ano que entrei no Programa pude “usar e abusar” de meu orientador. Foram horas de conversas; textos garimpados por ele, pois haviam poucas referências em português a respeito dos conceitos quais os quais eu iria trabalhar; leituras que fazíamos juntos desses textos. Trabalhar com Artur era profundamente intenso. Extremamente organizado e sistemático, ajudava-me a não perder o foco. Mas, sobretudo, era adorável trabalhar com alguém tão apaixonado pelo que fazia.

O primeiro semestre do Mestrado foi bastante desafiador, pois não consegui licença no trabalho para estudar. Contando com a compreensão da diretora da escola na qual trabalhava, consegui apenas ser liberada nos horários das aulas na universidade. Além disso, o ritmo era bem diferente da experiência na graduação. As disciplinas exigiam muita leitura, na maioria das vezes textos densos, mas as discussões em sala eram ricas, o clima muito entusiasmado, o que nos levava a formar grupos de leitura e estudos nos horários fora das aulas.

Ao mesmo tempo em que cursava as disciplinas, meu orientador colocou-me como primeira tarefa levantar nas principais revistas científicas a que tínhamos acesso na biblioteca do Centro de Educação (não tínhamos o acesso à internet como hoje) estudos que tivesse relação com a temática a ser

trabalhada em minha pesquisa objetivando a escrita da dissertação. Então, comecei a pesquisar artigos que tratassem sobre formação continuada de professores, formação continuada de professores alfabetizadores e formação continuada de professores na área de linguagem. Encontrei muitos artigos tratando da formação continuada de professores de uma forma geral, mas muita pouca coisa sobre formação na área específica que me interessava. Isso já apontava para a contribuição que meu trabalho poderia dar no sentido de pensar a formação de professores na perspectiva do tratamento de conteúdos específicos. Cada artigo lido e escolhido foi fichado e, posteriormente, elaboradas resenhas sobre os mesmos. Essa prática, aliás, eu trago comigo até hoje, não apenas na minha vivência de pesquisadora, mas também quando oriento trabalhos de pesquisa de meus alunos.

Além das disciplinas obrigatórias do Mestrado, que à época eram três, cursei cinco disciplinas eletivas da minha área de concentração, e realizei duas disciplinas de domínio conexo. Meu projeto inicial pretendia estudar a formação em serviço a partir das representações sociais das professoras e professores participantes da formação. Foram as discussões propostas nessas duas disciplinas que ajudaram a melhor definir tanto meu objeto de pesquisa quanto o referencial teórico que eu iria adotar. O estudo de dois conceitos foi fundamental para que eu definisse meu objeto e o foco que iria dar, assim como minhas categorias de análise: os conceitos de transposição didática e contrato didático. Esses conceitos eram então trabalhados com a realidade da sala de aula e sobretudo na área da matemática. O meu desafio foi trabalhar com eles na área de linguagem e tendo por realidade a ser examinada a situação didática em momentos de formação de professores.

Como professora da rede pública e como participante de alguns momentos de formação em serviço eu já me questionava até que ponto a formação atendia às questões colocadas pela prática, e em que medida os elementos teórico-didáticos trabalhados nos momentos de formação em serviço contribuíam, efetivamente, para uma reorientação da prática pedagógica. Tomando, então, o processo de formação em serviço como um fenômeno que possui uma dinâmica própria enquanto relação didática estabelecida entre formador e professor, propusemo-nos a analisar algumas

modalidades do processo de formação em serviço na área de Língua Portuguesa, oferecida aos professores das séries iniciais da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco. Objetivávamos apreender como ocorria a “transposição didática” do saber requerido quanto ao ensino de língua escrita, e estabelecer em que medida estes momentos de formação auxiliavam o professor em sua tarefa de transpor esse saber na sala de aula.

Em janeiro de 1999, defendo a dissertação sob o título “Ensino de Língua Portuguesa e a formação em serviço do professor das séries iniciais: um estudo de caso numa rede pública estadual”. A banca aprovou o trabalho com distinção, com recomendação de publicação. Mas o texto nunca foi publicado, pois por contingências de família acabei me mudando um mês depois da defesa para a cidade de Campinas, em São Paulo. O período de adaptação na nova cidade acabou por desviar-me desse propósito.

No entanto, apesar de algumas dificuldades enfrentadas na nova cidade, decido cursar uma disciplina como aluna especial no programa de pós graduação do Instituto de Estudos Linguísticos (IEL) na Universidade de Campinas (UNICAMP). Matriculo-me, então, na disciplina Alfabetização, ministrada pelas professoras Raquel Salek Fiad e Maria Laura Mayrink-Sabinson. O primeiro estranhamento veio logo no primeiro dia de aula quando me deparei com o programa da disciplina. Conteúdos e bibliografia pareciam pouco tratar do que até então havia estudado sobre alfabetização. Uma das coisas que primeiro me chamou atenção no programa foi um termo em particular: paradigma indiciário. Na verdade, numa leitura rápida, visualizei “paradigma incendiário” (o que era o prenúncio de que as leituras ao longo do curso iriam mexer novamente com a compreensão que eu começava a construir sobre o processo de alfabetização).

A experiência na disciplina foi muito rica. A aproximação e distanciamento entre o referencial teórico sobre o processo de aquisição da escrita adotado na disciplina e aquele estudado por mim até então (por sinal, muito pequeno) ajudou-me a ampliar a reflexão sobre os processos de aprender e ensinar a língua escrita. Em termos de aproximação, destaco a compreensão de que a maneira como a criança pensa sobre a escrita não corresponde ao modo de pensar de um adulto alfabetizado, que em razão

disso a criança elabora hipóteses de como a escrita funciona e que para conhecer essas hipóteses é preciso considerar os “erros” presentes na escrita da criança. Outro aspecto que destaco como aproximação é o papel constitutivo do adulto nas interações com a criança no processo de aquisição da escrita. Mas essa mesma aproximação, contraditoriamente, marca um dos grandes afastamentos: o papel do ensino no processo de aquisição da escrita. E esse foi meu grande desafio na disciplina porque a discussão ia na direção da defesa de uma completa falta de um ensino explícito e sistemático durante a alfabetização, algo que foi claramente criticado por Magda Soares, em seu texto clássico de 2003 “Letramento e alfabetização: as muitas facetas”. Um dia, durante uma discussão em sala na qual eu colocava a necessidade de pensarmos sobre a escrita como um objeto de ensino sistemático sem necessariamente falarmos em métodos tradicionais, alguém questionou num tom de desdém: você é daquele grupo de Recife, né? Não lembro exatamente a resposta que dei, mas lembro que senti um orgulho enorme e disse pra mim: é eu sou do grupo de Recife.

Como destaca Magda Soares, essa virada no sentido da negação de um ensino sistemático do sistema de escrita veio, em parte, das discussões sobre o papel do letramento no processo de aquisição da escrita, e esse era o eixo central da disciplina. No entanto, as leituras proporcionadas pelo curso foram fundamentais para que eu adentrasse na discussão da temática do letramento, que era nova para mim. Isso me levou, inclusive, a assistir como ouvinte algumas aulas da disciplina Introdução aos Estudos do Letramento, ministrada pela professora Angela Kleiman. Ao mesmo tempo, assistia a seminários abertos tanto no IEL quanto na Faculdade de Educação da UNICAMP.

Ao adentrar nas discussões propostas na disciplina da professora Angela Kleiman acerca das experiências de letramento, e em algumas reflexões sobre a relação entre sujeito e linguagem na qual aquele tanto constrói quanto é construído pela linguagem, comecei a pensar sobre a história de letramento do professor, e de que forma as experiências vividas com materiais escritos teriam impacto sobre a maneira como ele compreendia o ensino na escrita.

Então, partindo do pressuposto de que as experiências com materiais e práticas de escrita vivenciadas pelo professor em sua história de vida teriam um papel relevante na elaboração de suas representações a respeito da escrita e seu funcionamento, e que essas representações são construídas e mediadas pela linguagem; elaborei um projeto para concorrer à seleção do doutorado. Como o projeto dialogava com as áreas de Educação e de Linguagem, fiz minha inscrição no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada do IEL e no Programa da Faculdade de Educação. Fui aprovada nos dois programas, mas decidi matricular-me no IEL por considerar que direcionar minha formação mais para a área de Linguagem seria complementar à minha formação na área de Educação.

Com a vida familiar já mais organizada e meu filho bem adaptado à mudança de Recife para Campinas, pude realizar às atividades do doutorado com dedicação e certa tranquilidade. O clima acadêmico do IEL era intenso e efervescente. Sem falar da emoção de poder estar estudando com professores cujos livros eram referência para mim desde a graduação: João Wanderley Geraldi, Ingedore Koch, Eni Orlandi, dentre outros. Além das disciplinas, tínhamos seminários abertos, discussões e estudos nos grupos de pesquisa ligados aos orientadores, e grupos de estudo formados por nós alunos. A partir das discussões provenientes nesses grupos, assim como dos trabalhos produzidos nas disciplinas cursadas por mim, foram elaborados artigos apresentados em eventos científicos e publicados em periódicos acadêmicos.

Como não tinha disciplinas obrigatórias a fazer, mas créditos que precisava cumprir, organizei o meu “currículo” a partir de duas vias: uma que desse conta de discutir aspectos fundamentais para a elaboração da pesquisa objetivando a escrita da tese, e uma visando a ampliação de minha formação na área da Linguagem. No que diz respeito a esse último aspecto, cursei as disciplinas de Introdução à Linguística textual, Leitura em língua materna, Leitura e escrita em Língua Estrangeira, e Fatores socioculturais, psicológicos e psicanalíticos no ensino-aprendizagem de línguas.

Em relação à elaboração da tese, dei conta das leituras realizadas nas disciplinas de Seminários de Tese, que acabou por ser um estudo dirigido organizado pela minha orientadora Raquel Salek Fiad, a quem sou

extremamente grata pelas orientações seguras e serenas, pelos encontros agradáveis em seu apartamento regados por petiscos vegetarianos. Orientações que sempre iniciavam por conversas a respeito de como eu estava, se a família estava bem, se eu estava dando conta da vida acadêmica e pessoal. Aquilo sempre me encantava.

Além das leituras indicadas pela orientadora, retomei a prática que me foi orientada no mestrado de fazer um levantamento das pesquisas que tratavam do tema por mim pretendido.

Levando em conta que a matéria-prima da qual o indivíduo lança mão, quando da construção de seus saberes, é proveniente tanto das experiências vividas quanto de saberes gerados através das interações na vida cotidiana, assim como que a apreensão das representações que o sujeito constrói se dá fundamentalmente através dos discursos/textos que as corporificam, eu pretendia em minha pesquisa trabalhar com o conceito de representação social, mas queria levantar essas representações por meio da história de vida dos sujeitos de pesquisa. Mas lendo trabalhos sobre representação social e trabalhos que faziam uso de relatos orais de história de vida, eu não conseguia de modo satisfatório construir o desenho teórico e metodológico de minha pesquisa.

Em meu garimpo por textos na biblioteca do IEL, eu encontrei em um dos tantos textos que li uma citação de Roselyne Orofiamma na qual ela afirmava que a análise das significações expressas pelos sujeitos que contam sua história deveria ser orientada por uma leitura social e histórica, buscando ligar o vivido individual com o vivido socialmente. Essa afirmação pareceu acender uma luz na direção do que eu queria fazer. Busquei outras referências da autora, mas não conseguia encontrar. Até que um dia, minha orientadora em troca de email com Joaquim Dolz, fala de meu trabalho e da minha busca de referências. Ele então lembra de uma edição de uma revista da Universidade de Genebra, “Education Permanente”, que havia sido organizada por Orofiamma. Fui atrás da revista na internet, e encontro numa livraria de Paris o número 142, cujo título era “Les histoires de vie: théories et pratiques”, que era a revista citada por Dolz; assim como encontro também a revista de número 102, “ Les adultes et l’écriture”. Encomendo as revistas, e após

algumas semanas recebo-as pelo correio. A leitura desse material foi fundamental para que eu organizasse meu projeto teórico e metodologicamente, de modo a refletir sobre as representações que o professor tem da escrita e seu ensino a partir da perspectiva dos depoimentos orais de vida.

Terminado o período de cursar as disciplinas do doutorado, no início de 2002 volto para Recife. Aqui me dedico ao levantamento dos dados da pesquisa e posterior análise e escrita da discussão desses dados. Volto algumas vezes a Campinas para encontros de orientação com Raquel, e para a qualificação da tese. Em fevereiro de 2004, defendo a tese sob o título “ O professor e a escrita: entre práticas e representações”, tendo sido aprovada pela banca composta por minha orientadora a professora Raquel Fiad, as professoras Maria Laura Mayrink-Sabison, Lilian Lopes da Silva e Ludmila Thomé de Andrade, e o professor Artur Gomes de Moraes.

Um ano depois, em 2005, ingresso na Universidade Federal Rural de Pernambuco. E por seis anos dedico-me a atividades de ensino, pesquisa e extensão, além das demandas burocráticas com as quais temos inevitavelmente de nos envolver, o que nos afasta de uma rotina de estudo mais sistemático. Então, em 2011, consigo ter aprovada minha licença para pós-doutorado, e sou aceita na École Normale Supérieure de Cachan, na França. Como já desde o doutorado tinha interesse nos estudos sobre letramento e com as discussões sobre letramento digital a partir de uma disciplina ministrada por mim e a professora Maria Lúcia Figueredo na UFPE, elaborei um projeto sobre as tecnologias de informação e de comunicação no ensino superior e na formação docente, cuja pesquisa foi realizada sob a orientação do professor Éric Bruillard. no Unité Mixte de Recherche STEF (Laboratoire Sciences, Techniques, Education, Formation de l'ENS Cachan).

Em setembro de 2011, instalo-me com minha família na Maison D'Asie na Cité Universitaire, em Paris. Duas semanas após minha chegada em Paris, inicio um curso no STEF sobre formação de professor e letramento digital com o professor Éric Bruillard. Sob orientação dele também me matriculo num curso sobre políticas públicas de acesso às tecnologias de informação e

comunicação. O curso estava sendo oferecido na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Paris Descartes, sob a responsabilidade do professor Georges-Louis Baron. A participação nesse curso foi extremamente proveitosa. Além das ricas discussões, pude conviver com alunos de diferentes países, inclusive fora da Europa. Na verdade, havia mais alunos da América do Sul, da África e Ásia que alunos franceses e europeus.

Como parte da disciplina, apresentei um seminário sobre os programas implementados no âmbito das políticas públicas no Brasil para a integração das TIC nas escolas. Após a apresentação do seminário, fui convidada pelo professor Baron a escrever um artigo a ser submetido à Revista *Adjectif*, revista da Universidade Paris Cité. O artigo foi aceito e publicado sob o título “Les politiques publiques pour l’implantation des TIC dans l’éducation au Brésil”.

A partir das discussões propostas nos dois cursos por mim realizados, redirecionei os objetivos pretendidos para a minha pesquisa de modo a refletir não apenas sobre as políticas públicas para formação de professores e inserção das TIC na educação no Brasil. Ampliamos o olhar e propusemos uma análise comparada entre as realidades brasileira, francesa e canadense (contexto do Québec). Buscamos, então, discutir que diretrizes tinham sido até então propostas em termos oficiais em relação ao papel da formação inicial no que diz respeito à construção das competências ligadas ao uso das novas tecnologias no exercício profissional da docência. Participei também ainda em 2011 do Colóquio “Apprentissage de la lecture: convergence, innovations, perspectives” na Université de Cergy-Pontoise.

A experiência do estágio pós-doutoral foi muito significativa em minha vida acadêmica e pessoal, ampliando a minha visão profissional e cultural. Além das atividades acadêmicas vividas no período do pós-doutorado, pude também enveredar por outros caminhos formativos. Participei na Cité Universitaire de grupos de conversação em francês para melhorar meu domínio da língua, assim como de grupos de leitura compartilhada de literatura, uma experiência muito rica não só pela vivência da leitura literária, mas, sobretudo, pelas trocas com pessoas de diferentes partes do mundo e de diferentes áreas do conhecimento. Muito rico também foram as muitas exposições as quais pude

visitar. Porém, mais gratificantes e saborosos foram os cursos de culinária que pude fazer em Paris pelo “Atelier du Chef” e outros oferecidos pela Mairie de Paris. Essa experiência acabou por levar-me a cursar entre os anos de 2013 a 2016 o curso de Tecnólogo em Gastronomia pela Faculdade SENAC/PE.

Trajetória Profissional

Eis-nos de novo face à pessoa e ao profissional, ao ser e ao ensinar. Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professores, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam em nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal.

(NÓVOA, 1995)

A experiência docente

Começo minha carreira docente em 1986 em uma escola rural no município de Araçoiaba. A escola era mantida pela Igreja Batista de Casa Amarela, e tinha uma estrutura física bem simples, mas muito acolhedora. Assumi uma turma do último ano da Educação infantil, e fui orientada a iniciar com eles o processo de alfabetização. Recém saída do curso de magistério, os desafios foram muitos. Percebo logo de início que a formação recebida não dava conta de me oferecer os subsídios necessários para enfrentar a realidade à minha frente naquela turma. Passo, então, a buscar leituras e materiais para me auxiliarem nessa empreitada, assim como recorrer a colegas mais experientes que trabalhavam na mesma escola.

Apesar dos desafios, essa foi uma experiência muito prazerosa, o clima na escola era de muito companheirismo entre a equipe, e a presença da comunidade no entorno da escola era bem efetiva, havendo uma participação expressiva dos pais nas ações da escola.

Permaneci dois anos nessa comunidade escolar, e, em 1988, sou aprovada no concurso para professor Regente A (professor dos anos iniciais) na Fundação Guararapes, ligada à prefeitura do Recife (mais tarde a fundação é fechada e os professores são transferidos para a Secretaria de Educação da Cidade do Recife).

Assumo uma turma do 4ª ano (equivalente hoje ao 5º. ano do ensino fundamental). Esse foi outro desafio, pois a classe era extremamente agitada e violenta. A professora que estava com a turma até eu assumir era conhecida na escola por ser muito rígida, era uma mulher alta de quase dois metros de altura e que só falava gritando. Imaginem eu chegar na sala de aula com meus 1,55 de altura, falando baixinho. Os alunos quase não me enxergaram. Uma das primeiras conclusões a que cheguei é que não conseguiria manter uma rotina de trabalho nos mesmos moldes de como a turma estava acostumada a funcionar. Comecei, então, a trazer para sala de aula atividades diferenciadas das que eles estavam habituados: trouxe jogos, atividades manuais (recorte/colagem, montagem de brinquedos e maquetes, etc.), momentos de contação de história e sessões de filmes. Confesso que não foi fácil, toda aula tinha um conflito a resolver entre eles. Mas à medida que eles foram vendo que tais conflitos não me estressavam tanto (eu tentava não demonstrar o quanto me estressavam), que parei de chamar os pais na escola, não mandava alunos para a diretoria e me cerquei dos mais “trabalhosos” como assistentes na sala de aula; a situação foi aos poucos se acalmando. Fui, então, estabelecendo uma rotina de trabalho mais sossegado e pouco a pouco fui dando conta das exigências da rede quanto ao currículo a ser trabalhado. Terminei o ano com uma certa defasagem no que deveria ter sido trabalhado, mas com a turma toda aprovada para a próxima etapa da escolarização. Como prêmio pelo esforço realizado durante todo o ano com essa turma, fui informada pela diretora da escola que assumiria no outro ano letivo uma turma de 1ª série formada por alunos repetentes. Como professora novata, não tinha muita escolha a não ser acatar o que me era “sugerido”.

No entanto, o trabalho com a nova turma se mostrou menos desafiante do que havia imaginado: primeiro porque já havia construído um certo repertório de procedimentos didáticos relativos à alfabetização; segundo porque fui assessorada no meu segundo ano na rede pela supervisora Magda que muito me auxiliou, inclusive assumindo junto comigo a turma em alguns momentos; e, por fim, a participação em momentos de formação em serviço que me permitiram refletir sobre a minha prática e trazer desses

momentos possibilidades didáticas a serem experimentadas em minha dinâmica de sala de aula.

Permaneci como professora da 1ª série até o primeiro de semestre de 1996, pois no segundo semestre tirei licença sem vencimentos para realizar o mestrado. Trabalhei, portanto, durante seis anos e meio como professora alfabetizadora. E essa experiência foi fundamental para o exercício da docência no ensino superior com as turmas de Pedagogia que iria assumir futuramente.

Depois do mestrado, não retornei às salas de aula na Prefeitura do Recife. Em 1999, renovo minha licença sem vencimentos e vou para Campinas. No fim de 1999, como não posso mais requerer licença, peço, com muito pesar, exoneração de meu cargo de professora da rede de ensino do município de Recife, pois precisava continuar em Campinas para realizar o doutorado.

Retornei para Recife em 2002, e em 2003 voltei à UFPE na condição de professora substituta do Departamento de Psicologia, do Centro de Educação. De novembro de 2003 a agosto de 2005 lectionei as disciplinas de Avaliação da Aprendizagem, Avaliação Educacional, e Pesquisa e Prática Pedagógica. Foi uma experiência emocionante retornar aos corredores e às salas de aula da UFPE agora na condição de professora. Uma coisa que marcou, e ainda marca, minha condição de professora universitária foi sempre me reportar às minhas memórias de aluna tanto do curso de graduação quanto de minhas vivências anteriores à universidade. Partindo sempre desse olhar que busca considerar quem são os sujeitos aprendizes, tenho tido ao longo dos anos uma ligação intensa com as turmas com as quais tenho trabalhado. E dessas primeiras turmas como professora substituta tenho hoje colegas de trabalho que são professoras no Curso de Pedagogia da UFRPE.

Com relação às disciplinas de Avaliação da Aprendizagem e Avaliação Educacional, coloquei-me o desafio de propor formas de avaliação de caráter mais qualitativo, pois seria uma incoerência discutir o modo como a escola tinha até então tratado a avaliação e utilizar dos mesmos

instrumentos. Propus, então, nas duas disciplinas que os estudantes escrevessem um artigo que seria construído ao longo das aulas. Elaboramos conjuntamente um instrumento para levantamento de dados. Em cada disciplina foi construído um instrumento objetivando levantar dados relativos à temática discutida. À medida que estudávamos o conteúdo da disciplina, a turma ia escrevendo o referencial teórico do trabalho, e eu ia corrigindo e devolvendo para melhorias no texto. O mesmo foi feito com a análise escrita após o levantamento dos dados. Ao final, os trabalhos foram apresentados em sala. Recebi das turmas avaliações bem positivas a respeito da realização do trabalho e da vivência durante as disciplinas. O que me levou utilizar a mesma estratégia nos outros semestres que as lecionei, reformulando a proposta a partir das mudanças que percebia que precisavam ser feitas.

Entre agosto de 2004 e setembro de 2005, sou contratada na Faculdades Integradas de Pernambuco (FACIPE) para lecionar no curso de Administração as disciplinas de Metodologia do Ensino de Pesquisa e Trabalho de Conclusão de Curso I e II.

Ministrar essas disciplinas foi mais um desafio na minha trajetória docente. Primeiro porque nunca havia ensinado Metodologia Científica, o que conhecia era fruto de minha experiência como pesquisadora na pós-graduação em outra área de formação. Isso me levava ao segundo desafio, dar conta de objetos de pesquisa numa área que não era a minha, pois não concebia falar de metodologia científica sem considerar a área de conhecimento. Porém, mais desafiante foi a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso porque os alunos não tinham experiência de escrita acadêmica e a orientação com os professores era quase inexistente. Então, propus aos alunos organizar as aulas em forma de oficina de textos. Embora não tivesse domínio dos temas da área de administração, ajudaria os alunos na qualidade da escrita. Na disciplina I, analisamos diferentes artigos científicos na área de Administração, e a partir dessas análises íamos construindo a noção dos elementos necessários à elaboração de um projeto de pesquisa projetos de pesquisa. Os alunos encerraram a disciplina com os projetos prontos. Na disciplina II, acompanhei a escrita dos TCCs ao

longo do semestre, e organizei as bancas de apresentação dos trabalhos. No período final das aulas, sou chamada à coordenação do curso para ser informada de que os professores presentes nas bancas haviam elogiado a qualidade da escrita dos trabalhos daquele semestre. Para mim, isso foi extremamente gratificante: primeiro porque comecei a disciplina de TCC com muito medo de não dar conta de ver os alunos com o trabalho finalizado a contento; em segundo lugar, já que a compensação financeira naquela instituição não era das melhores, pelo menos pude ver meu trabalho sendo reconhecido por alunos e colegas.

No ano de 2005 realizei dois concursos públicos: um na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e outro na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). No concurso da Paraíba fico em segundo lugar, e na UFRPE sou aprovada em primeiro.

Em 15 de setembro desse mesmo ano tomo posse na UFRPE. Passo a integrar o grupo de professores da área II, a área de Métodos e técnicas. Assumo, então, a disciplina de Didática em turmas com alunos dos cursos de Química, Física e Matemática. Se não concebia tratar de metodologia científica desvinculada da área do objeto de pesquisa, com a Didática isso se tornava para mim impraticável. Discordava do tratamento da Didática apenas numa perspectiva geral, desconsiderando as especificidades dos diversos objetos de conhecimento nas diferentes áreas do saber. O que não significa que busquei assumir o tratamento de uma abordagem em detrimento da outra, desarticulando o que pode ser considerado geral do que seria particular. Antes, busquei discutir a Didática por meio de uma perspectiva integradora e problematizadora do papel da escola na organização dos processos de ensinar e aprender. Agreguei, então, ao programa da disciplina a apresentação de conceitos tais como contrato didático, transposição didática e obstáculo epistemológico, refletindo sobre tais conceitos a partir de objetos de conhecimento de cada área dos alunos que compunham a turma. Isso me levou não apenas a estudar a respeito das temáticas próprias do componente curricular Didática, mas também conteúdos das áreas de matemática, química e física. Um desafio e tanto para mim oriunda das ciências humanas. Recorri a diferentes professores

do Departamento de Educação que tinham formação nessas áreas, que foram muito solícitos comigo em tirar minhas dúvidas.

No segundo semestre de 2006, passo a lecionar disciplinas no Curso Normal Superior, foram elas: Metodologia do Estudo e Produção Textual I e II, Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa I e II, e Linguagem Oral na Educação Infantil. Nesse mesmo semestre, iniciam-se as discussões para a reformulação do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) em atendimento à Resolução do CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006. Conforme recomendação de tal resolução, o curso passa a ser denominado Graduação em Pedagogia, Licenciatura. Participo ativamente das discussões e elaboração do novo documento que orientará o funcionamento do Curso de pedagogia na UFRPE. Como parte da reformulação da matriz curricular, sugiro a criação da disciplina Avaliação da Aprendizagem, que não constava no projeto do Curso Normal Superior. Tendo minha sugestão sido acatada, fica sob minha responsabilidade elaborar o programa da disciplina. Em março de 2007, concluímos a elaboração do PPC, que, sendo aprovado pelas instâncias da UFRPE, entra em vigor no 1º semestre de 2008.

Componho o Colegiado de Coordenação Didática (CCD) do Curso de Pedagogia desde 2010 até o momento, assim como ministro disciplinas nesse curso desde então. Destaco aqui meu prazer, em especial, de lecionar as disciplinas de Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Metodologia do Estudo e Produção Textual. Com relação à primeira, tenho buscado desenvolver um trabalho que leve à reflexão sobre os processos envolvidos no ensino-aprendizagem da língua escrita, trazendo para as discussões em sala de aula da universidade elementos o mais próximo possível da realidade escolar. Acredito que minha vivência como professora alfabetizadora (considerando aqui o que fiz e o que não deveria ter feito) tem contribuído para essa tarefa. Com relação à Metodologia do Estudo e Produção Textual, o desafio que se colocou para mim foi vivenciar uma prática de ensino da produção escrita calcada na reflexão acerca dos elementos próprios de cada gênero acadêmico que deveria ser estudado na disciplina. Isso sem perder de vista que tais elementos existiam em razão

da função social cumprida por esses gêneros. Fui, então, montado e remontando, num trabalho constante de construção e reconstrução de sequências didáticas que tratassem das etapas de produção, das estratégias discursivas, recursos e mecanismos de construção dos textos. No entanto, o mais desafiador da disciplina foi fazer os alunos entenderem que o processo de refacção textual não é uma estratégia punitiva, mas faz parte do processo de elaboração de um texto. O fato de a refacção ser um processo sempre presente ao longo da disciplina, rendeu-me em um semestre, com uma turma bem espirituosa, o apelido de Carmi Refaz (um jogo com meu sobrenome Ferraz). Desenvolver a disciplina de Metodologia da Produção textual tem sido algo trabalhoso, mas também muito gratificante por poder iniciar os alunos no universo da escrita acadêmica, e ter a oportunidade de verificar ao final do curso, no momento da defesa de monografia, o quanto muito alunos cresceram e desenvolveram uma escrita acadêmica de qualidade.

Atualmente, além das disciplinas acima destacadas, venho trabalhando com estágio, acompanhando atividades em turmas dos Anos Iniciais e EJA. Minhas primeiras experiências com estágio foram no primeiro semestre de 2019. Como toda disciplina com a qual trabalhamos pela primeira vez, demoramos um tempo até construirmos uma proposta de trabalho mais consistente, vamos experimentando textos, atividades, formas de avaliação até traçarmos a possibilidade de um caminho a seguir. Digo possibilidade porque, conforme defende Perrenoud (1994), a sala de aula é ao mesmo tempo espaço profissional e de “bricolagem”. Sendo assim, vamos artesanalmente e constantemente elaborando nossa proposta pedagógica em cada disciplina que ministramos, num processo constante de construção sem fim. Nunca fechamos nada, há sempre um texto novo a discutir, um formato novo a explorar, uma proposta avaliativa a experimentar.

Mal começava a desenhar um formato para as disciplinas de estágio, eis que em 2020 chega a pandemia do COVID 19, e com ela o afastamento social. Tal realidade exigiu de nós a capacidade de nos reinventarmos nas diferentes dimensões de nossas vidas, o que incluía nossa ação docente. Se para as disciplinas consideradas mais de cunho teórico foi um desafio o

ensino remoto, o Estágio tinha uma série de obstáculos a serem superados. Como garantir uma proposta de trabalho que articule teoria e prática sem o contato com a realidade da escola, lugar no qual a teoria será confrontada por situações reais que exigem antecipações, ajustes, reações frente ao fracasso, etc.?

Como não tínhamos como ir até à realidade escolar, propusemos, eu e a professora Maria Jaqueline Carvalho, o desafio de trazeremos a sala de aula até nós, e possibilitarmos aos licenciandos de Pedagogia, naquele momento, por meio do estágio, refletirem sobre o perfil do aluno, a mediação pedagógica e os desafios do cotidiano escolar na Educação infantil e EJA. Construimos, então, uma proposta de trabalho que contemplava atividades tais como: roda de conversa online com professores das redes pública e privada, leitura e discussão de textos, elaboração de instrumento de pesquisa a respeito da prática pedagógica antes e durante a pandemia, aplicação do instrumento e análise dos dados. A princípio, acreditávamos que nossa maior dificuldade seria encontrar professores disponíveis para participarem das rodas de conversa *on line* e responderem à pesquisa, no entanto, para nossa surpresa, tivemos um bom engajamento de docentes tanto da rede pública quanto privada. Do lado dos alunos de Pedagogia, a experiência com o formato assumido pela disciplina de Estágio foi muito bem avaliada.

Entre 2007 e 2008 oriento minhas primeiras monografias de graduação no curso de Pedagogia. Foram três trabalhos, cujos temas foram: a concepção de avaliação de professores dos Anos Iniciais, a prática do lúdico na Educação de Jovens e adultos, e ensino da língua escrita na Educação Infantil. De lá para cá, nesses dezessete anos de minha presença no curso de Pedagogia da UFRPE, foram orientadas ao todo dezessete monografias, e eu tenho tido a grata satisfação de poder ter tido, em todos esses anos, alunas e alunos comprometidos com sua formação.

A partir de 2011, passo a ministrar aulas não apenas no Curso de Pedagogia na modalidade presencial, como também na modalidade de Educação à distância (EAD). A princípio resisti em aceitar assumir disciplinas no curso em EAD, pois duvidava da qualidade do que era

ofertado, mesmo em uma universidade pública. Apesar de reconhecer que a vivência do curso na modalidade à distância acarreta uma certa defasagem, levando em conta o ensino presencial; pude constatar a importância de prover acesso de um ensino de qualidade para aqueles que não têm condições de frequentar a universidade presencialmente, sobretudo os que residem em regiões mais interioranas do estado. Em todos esses anos como professora do curso de Pedagogia na modalidade à distância tenho encontrado muitos alunos envolvidos com a sua formação e comprometidos com as atividades do curso. Em polos distantes como Trindade, Arcoverde, Surubim, Palmares, a única maneira dos alunos menos favorecidos terem acesso à universidade pública é por meio dos cursos EAD. Daí a importância de garantirmos a discussão a respeito de um ensino à distância de qualidade, e a denúncia das instituições privadas que têm oferecido cursos sem nenhuma preocupação no que diz respeito à garantia de uma formação adequada.

Ainda no ano de 2007 sou aceita no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE. Passo a compor o grupo de professores do mesmo núcleo de pesquisa do qual participei na condição de aluna no mestrado. Entre 2007 e 2008, assumo junto com as professoras Kátia Melo e Maria Lúcia Figueredo a disciplina “Tópicos em Didática da Língua Portuguesa”. Em 2008, inicio a minha primeira, e única, orientação de mestrado, da aluna Cássia Maria de Souza Leão, que defendeu, em 2010, o trabalho intitulado “Práticas de letramento: um olhar sobre a escrita de resumos críticos e de chats por alunos no ensino médio”. Em 2009, tive uma gravidez de risco, e, ao retornar da licença maternidade, sou cobrada por não ter, durante o biênio, a produção de artigos esperados. Mas do que a exigência (afinal ela vem de fora dos muros da universidade), o que me chocou foi a forma como fui cobrada, sendo isso agravado pelo fato de serem, no momento, duas mulheres à frente da coordenação do Programa. Resolvi, então, solicitar meu afastamento, e não mais fiz parte desta ou de outra pós-graduação *stricto sensu*.

Lecionei, no entanto, em três cursos de pós-graduação *lato sensu* pela UFPE: “Especialização em Tecnologias aplicadas ao ensino de Língua

Portuguesa”, “Especialização em Educação e Linguagem”, e “Especialização em Leitura, produção e avaliação de texto”. Trabalhei nesses cursos com as disciplinas de Alfabetização e letramento, Letramento Digital, e Pedagogia de Projetos, tendo orientado ao todo oito monografias.

Outras experiências profissionais na UFRPE

No que tange à pesquisa, entre 2006 a 2008, tive três projetos de iniciação científica aprovados, tendo por bolsista durante os três anos a aluna Rita de Cássia Gonçalves Muniz. Tais projetos buscaram contribuir para o entendimento acerca das escritas docentes, apontando para a discussão da prática da escrita como instrumento de reflexão profissional. Em 2009, submeto ao Edital público o projeto “Letramento Escolar: Práticas de Leitura e de Escrita nos Livros Didáticos de História e de Geografia”, tendo sido aprovado pelo CNPQ, que além dos recursos disponibilizados, concedeu uma bolsa de iniciação científica. Em 2010 concorro à FACEPE com o projeto “A sala de aula de Português e História como espaços de letramento”, tendo sido também aprovado. Tive como bolsistas nesses dois projetos os alunos Gustavo Manoel da Silva Gomes, aluno do curso de História; e Eliane Lins Andrade Lima, além da colaboração da aluna Nayara Leite Miranda, ambas alunas de Pedagogia.

Em relação aos projetos de extensão, gostaria de destacar cinco projetos nos quais participei na condição de coordenadora. Em todos os cinco, as propostas de trabalhos foram construídas a partir de demandas apresentadas pelos estudantes de Pedagogia. Sendo quatro buscando atender aos alunos do curso presencial, e um oferecido aos alunos do curso na modalidade à distância.

Para os alunos da Licenciatura em Pedagogia presencial foram ofertados os cursos de extensão: “Literatura infanto-juvenil na escola”, “O uso de jogos na alfabetização”, “A ludicidade no processo de ensino-aprendizagem da língua escrita”, e “Prática Pedagógica e ensino na Educação Básica”. Já os alunos da EAD realizaram o curso “Prática

pedagógica na EJA: desafios e possibilidades”. Em todos os cursos, buscamos, dentre outros objetivos, contribuir para a formação docente dos licenciandos de Pedagogia da UFRPE, fomentando o desenvolvimento de estratégias metodológicas diversificadas.

A reflexão sobre a formação docente é um tema que me inquieta e atravessou toda minha vida acadêmica desde a graduação. Um dos grandes desafios da formação de professores tem sido a articulação entre a teoria e a prática, assim como uma das grandes críticas ao processo formativo dos futuros docentes sempre foi a entrada tardia dos licenciandos no conhecimento acerca da realidade da escola. Foi o desejo de buscar superação desses desafios que impulsionou a mim e a duas colegas do Departamento de Educação a propormos em 2009 o subprojeto de Pedagogia para concorrer ao primeiro Edital da CAPES para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

O subprojeto assumiu a docência como trabalho pedagógico, como objeto de estudo e como prática sócio-histórica inserida em um projeto formativo capaz de transformar práticas educativas e, conseqüentemente, interferir na realidade. Nessa perspectiva, visávamos possibilitar, por meio das atividades no PIBID Pedagogia, o debate científico sobre a prática do ensino da modalidade escrita da língua e da matemática nos anos iniciais do ensino fundamental, e obter subsídios para a reflexão desta prática em nossa realidade educacional. Após a aprovação de nosso subprojeto, decidimos que não teríamos uma pessoa frente à coordenação do projeto, mas formaríamos uma coordenação colegiada, que foi composta por mim e as professoras Maria Conceição Boa Viagem e Lúcia de Fátima Araújo.

O plano de trabalho proposto par o PIBID Pedagogia/UFRPE foi pautado na formação de professores dos anos iniciais do ensino fundamental, que trabalhavam nos 1º e 2º ano do 1º ciclo com aplicação em 03 escolas da Rede Municipal do Recife (Darcy Ribeiro, Gilberto Freire e Rozemar Macedo). Compôs este grupo um total de 24 estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia que, sob a orientação da coordenação e três professores/pesquisadores que atuam no Curso de Licenciatura em

Pedagogia/UFRPE, desenvolveram atividades de formação (ensino, pesquisa e extensão), buscando alcançar o objetivo prioritário do projeto PIBID que era o de minimizar os baixos índices alcançados no IDEB por essas escolas.

Em comunhão com o projeto político pedagógico do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRPE, o projeto PIBID/Pedagogia buscou permitir ao licenciando a inserção nas práticas docentes, articulando conhecimentos do campo educacional com práticas profissionais e de pesquisa, trabalhando com um repertório de informações e habilidades, compostos por pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, numa perspectiva fundamentada em: interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética. Começamos nossas atividades nas escolas realizando um levantamento de informações referentes à caracterização geral da escola e às especificidades do cotidiano escolar. A partir dos elementos apontados por meio desse levantamento, foram organizadas uma série de atividades, através das quais consolidou-se o projeto PIBID Pedagogia/UFRPE:

1. Encontros de formação geral focando a reflexão e estudo de conteúdos nas áreas de linguagem e matemática trabalhados nos anos iniciais do ensino fundamental. Tais encontros tinham por objetivo enriquecer a base de trabalho dos estudantes pibidianos que atuavam nas escolas;
2. Encontros específicos de formação e planejamento realizados mensalmente na UFRPE, sob a organização dos professores/orientadores. Tais momentos eram voltados para o planejamento de cada escola de modo a atender às especificidades da realidade na qual se estava atuando;
3. Realização de atividade de diagnose do nível de escrita numérica dos alunos das três escolas, assim como do conhecimento sobre a escrita, buscando identificar a compreensão em relação às propriedades do Sistema de Numeração Decimal e do Sistema de escrita Alfabética;
4. Elaboração e aplicação de sequências didáticas em matemática e linguagem;

No ano de 2010, organizo juntamente com professoras Ana Catarina Cabral e Juliana Andrade o livro “Saberes e fazeres da prática pedagógica: experiências didáticas do PIBID/Pedagogia-UFRPE no espaço escolar”. Nesse livro, buscamos reunir as reflexões dos alunos acerca do processo formativo experienciado no PIBID. Os artigos retratam as vivências e a atuação dos bolsistas nas escolas onde realizaram a iniciação à docência. Cada artigo apresenta um relato de experiência, discutindo, a partir da sequência didática proposta pelos bolsistas para ser realizada nas turmas que acompanhavam, o papel da experiência do PIBID na formação docente de cada um deles.

Permaneço, então, na coordenação colegiada do PIBID Pedagogia da UFRPE até 2011, quando me afastei para realizar estágio de pós-doutorado. Ao retornar às atividades na UFRPE, após o período fora, foi convidada pela professora Lúcia Falcão para junto com ela assumir a coordenação do projeto institucional do PIBID/UFRPE. Naquele momento, o projeto passava por algumas dificuldades de diferentes ordens, e tivemos o desafio de reestruturar todo o trabalho na instituição.

Uma de nossas primeiras medidas foi, seguindo a experiência do subprojeto de Pedagogia, instituir uma coordenação colegiada. A professora Lúcia responderia oficialmente pela coordenação institucional, e eu junto aos professores Adriano Regis e Cristiano Marcelino ocuparíamos o cargo de coordenadores de gestão educacional do projeto. No entanto, todas as decisões relativas à estruturação e funcionamento do projeto institucional do PIBID/UFRPE seriam tomadas conjuntamente aos coordenadores dos subprojetos da UFRPE.

A experiência nos três anos em que fiz parte desse coletivo foi extremamente rica e estimulante. Tínhamos várias frentes de ação e o trabalho era intenso. Mas o que muito nos impulsionou foi a oportunidade de trazer à vida possibilidades outras de fazer formação docente, vivenciar diferentes propostas didático-pedagógicas, experimentar novas maneiras de gestão. A vivência no PIBID foi, de fato, um laboratório para todos os envolvidos no processo.

Porém, o mais instigante era saber que o programa favorecia a melhoria da formação inicial dos alunos, possibilitando a inserção do futuro profissional no contexto de trabalho, proporcionando avanços não apenas em relação aos cursos de licenciatura, mas também para a próprias universidade e instituições escolares, na medida em que contribuía para a formação de profissionais de qualidade egressos da instituição e ampliava as oportunidades de formação continuada para os docentes em exercício.

Com relação às atividades de caráter mais administrativo, nos dezessete anos de vida profissional na UFRPE, participei em diferentes colegiados e comissões, conforme listado a abaixo:

- Comissão de avaliação do processo de Progressão (2006-2007);
- Colegiado de Coordenação Didática do Curso de Licenciatura em Química (2007-2008);
- Colegiado de Coordenação Didática do Curso de Licenciatura em Pedagogia/Presencial (2010 até o momento);
- Comitê Assessor do programa de Monitoria (2008-2009);
- Comissão Eleitoral para eleição de Diretor e vice Diretor do Departamento de Educação Quadriênio 2008/2012;
- Núcleo Docente Estruturante do Curso de Licenciatura em Pedagogia/Presencial (2013 até o momento);
- Comissão de avaliação do PIT/RIT do Departamento de Educação (2020 até o momento);
- Colegiado de Coordenação Didática do Curso de Licenciatura em Pedagogia/EAD (2016 até o momento);
- Núcleo Docente Estruturante do Curso de Licenciatura em Pedagogia/EAD (2019 até o momento);
- Substituto(a) Eventual do(a) Coordenador(a) do Curso de Licenciatura em Pedagogia /EAD (2019-2020/ 2021 até o momento);

- Comissão de Consulta para o processo eleitoral de escolha da Coordenação Licenciatura em Pedagogia/Presencial (2020)

Outras experiências profissionais para além dos muros da UFRPE

Em 2003, o Ministério da Educação (MEC) lança o Programa Brasil Alfabetizado, que pretendia, em parcerias com estados e municípios, a queda do analfabetismo e a universalização da educação de jovens e adultos. Um grupo formado por professores do Centro de Educação da UFPE e do Departamento de Educação da UFRPE submetem ao MEC um projeto com uma proposta de trabalho objetivando colaborar com as redes de ensino participantes do Programa. No segundo semestre de 2004 sou convidada pela professora Telma Ferraz Leal, então coordenadora do projeto, para compor o quadro de formadores do Programa Brasil Alfabetizado no município do Recife.

Com a expansão do Brasil Alfabetizado em outros municípios, e conseqüente crescimento de demanda formativa, passo no final de 2005 a compor junto às professoras Telma Ferraz e Andréa Tereza Brito Ferreira a coordenação da formação de formadores do projeto, ficando responsável por organizar o processo formativo dos alfabetizadores que atuariam na cidade de Olinda.

Ainda no ano de 2004 participo na condição de formadora de momentos de formação continuada na Secretaria de Educação da Cidade do Recife. Essas formações eram organizadas e articuladas por professores/pesquisadores do CEEL (Centro de Estudos em Educação e Linguagem), grupo criado em 2004 na UFPE e que passou naquele mesmo ano a integrar a Rede Nacional dos Centros de Pesquisa e Desenvolvimento da Educação, e, posteriormente, a Rede Nacional de Formação Continuada de Professores do Ministério da Educação (MEC).

A experiência vivida no CEEL foi muito rica e profícua. No âmbito do projeto da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores, várias ações foram propostas pelo CEEL, dentre elas: a consolidação e ampliação de uma rede de formação de professores; a produção de materiais didáticos para a formação docente e o desenvolvimento de cursos de formação de educadores.

No que diz respeito à produção de materiais, organizei, junto à professora Márcia Mendonça dois livros: “Alfabetização e Letramento: conceitos e relações”, e “Diversidade textual: os gêneros na sala de aula”. A produção dos livros foi acompanhada da elaboração de guia didático e de vídeo educativo. Esse material foi a base para diferentes momentos de formação continuada de professores, assim como de cursos de atualização para professores de redes públicas de ensino de diferentes municípios. Com a produção desses materiais e as formações de professores, o grupo do CEEL objetivava possibilitar um processo formativo que garantisse a reflexão acerca do ensino da língua escrita por meio da articulação entre teoria e prática.

Estive envolvida como formadora em muitos dos cursos de formação oferecidos pelo CEEL entre os anos de 2004 a 2009. Participar das formações pensadas e estruturadas pelo CEEL foi uma experiência ímpar, pois pude conseguir visualizar e tentar levar à cabo um modelo de formação docente que desse conta, em muitos aspectos, de questões sobre as quais eu refletia desde a graduação e início de minha caminhada como professora. Um processo formativo no qual os aspectos teórico-metodológicos tratados nos momentos de formação continuada contribuíssem, efetivamente, para uma reflexão e reorientação da prática pedagógica.

Além das formações, estive envolvida em outras ações do CEEL, tais como avaliação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD); análise de obras e consolidação de pareceres no Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) no ano de 2007; organização de

diferentes edições do Seminário do CEEL; estruturação do primeiro site do CEEL.

Considerações finais

Concluir um texto é tão difícil quanto inicia-lo. Alguns textos já iniciamos sabendo como será o seu desfecho, se não na forma, pelos menos no conteúdo. Outros, as ideias vão sendo elaboradas à medida que os construímos. Ao findar a escrita desse memorial, ponho-me a pensar: qual o estilo que deve assumir a conclusão de um memorial? O que gostaria de destacar de minha trajetória aqui apresentada?

Começo este memorial esclarecendo que não me propunha a realizar uma análise de minha trajetória acadêmica e profissional, mas uma apresentação das experiências que me trouxeram até aqui. Agora chegando ao final, não saberia dizer se o que foi feito foi suficiente, não saberia dimensionar a importância, ou não, de meu trabalho. O que sinto que posso afirmar, sem medo de errar, é que chego a esse momento com satisfação.

Sinto-me afortunada por ter pertencido nos últimos dezessete anos a um ambiente profissional acolhedor, a despeito de todas os problemas, conflitos e dificuldades que cercam o ambiente acadêmico. Pois esses desafios próprios da vida em universidade têm sido superados por relações de companheirismo e colaboração, sobretudo, no grupo que compõe o curso de Pedagogia da UFRPE.

Quantos às atividades exercidas na UFRPE, trilhei os caminhos das diferentes dimensões da atuação acadêmica: ensino, pesquisa e extensão. Mas, de tudo vivido, o que mais me atravessa e com o qual mais me identifico é, sem dúvida, a docência. É nela que me encontro, como profissional e como pessoa, nas relações estabelecidas com os colegas de profissão e com os alunos, tantas vidas que cruzam a nossa nos ensinando e inspirando. Aliás, ao relembrar tudo que foi realizado, ou não, nessa minha trajetória aqui contada, o que mais veio à lembrança foram as tantas pessoas com quem cruzei ao longo dessa caminhada. Algumas só passaram e se foram; outras passaram, foram em outra direção, mas deixaram marcas profundas; outras estão ainda aqui

comigo nessa trilha chamada vida, nesse caminho, como diz o poeta, que se faz ao caminhar.

Quero, então, tomar a liberdade de subverter o que seria esperado num texto acadêmico, e deixar os agradecimentos para o final, agradecimentos aos amigos caminhantes sem os quais não teria sido possível escrever parte de minha história, o pouco dela que foi contada aqui. Peço desculpas, àqueles que porventura tenham escapados dos registros de minha memória, pois “...são tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos...”

Agradeço, portanto:

À Tia Lucinha inspiração como mulher e profissional;

À Carminha que cuidou tão bem de meus filhos nas minhas ausências;

À Telma Santa Clara Cordeiro por fazer-me entender que meus questionamentos podiam ir além da dimensão pessoal;

À Eliana Matos pelo apoio que me deu, mesmo não tendo porque fazê-lo;

À Artur Gomes de Moraes e Raquel Salek Fiad por me guiarem no início de minha experiência com a pesquisa acadêmica, lembrando-me sempre que a dimensão humana nunca deve ser colocada de lado;

À Eliana Borges Albuquerque e Maria Emília Lins por insistirem que eu fizesse a seleção para substituto na UFPE, quanta coisa aprendi com essa experiência!!!;

À Andrea Teresa Brito Ferreira por fazer-me saber que um edital de concurso estava aberto, e depois acolher-me na UFRPE na sua minúscula sala que mal dava para ela;

A todo grupo que compõe o CEEL por ter me proporcionado a vivência pulsante de um modelo de formação docente;

À Maria Lúcia Barbosa com quem construí parcerias acadêmicas e pessoais maravilhosas;

A minha “comadre” Hulda Stadler que foi mais do que parceira ao longo de sua caminhada na UFRPE, e com quem ainda travo conversas intermináveis...;

Às superpoderosas companheiras do curso de Pedagogia da UFRPE: Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral, Fabiana Cristina da Silva, Maria Aparecida Tenório Salvador, Maria Jaqueline Paes de Carvalho e Michelle Sales Beltrão Soares, sempre prontas para uma luta e um café quentinho;

À Gabrielly Stefania Silva de Oliveira, pelo delicioso cafezinho de cada dia e as inúmeras declarações das quais precisei;

À Thereza Didier e Carlos Pontes pelo incentivo, do início ao fim, à escrita desse memorial;

Às amigas Juliana de Paula e Súlvia Cordeiro pelo suporte quando a correria do dia a dia não me permitia pegar meu filho na escola;

À Suely Alves da Silva, Artur Gomes de Moraes, Eliana Borges Albuquerque, Maria da Conceição Carrilho Aguiar, Irenilda de Souza Lima e Laeda Bezerra Machado que muito gentilmente aceitaram participar dessa banca ao fim de um ano de muitas atribulações e emoções fortes.

Referências

BENJAMIN, W. **Magia, técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

NÓVOA, A. *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1995

OROFIAMMA, R. Comment le sens vient au récit. **Education Permanente**.
No. 142, 115 - 129, 2000.

Anexos

Algumas atividades...

Disciplinas ministradas na graduação da UFRPE

2006. 1

Metodologia do estudo e produção textual I - NS
Didática – LF
Didática – LC

2006.2

Prática de ensino I - HT
Metodologia do estudo e produção textual II - NS1
Metodologia do estudo e produção textual II - NS3

2007.1

Metodologia do estudo e produção textual I - NS3
Metodologia do ensino de língua portuguesa I - NS3
Avaliação da aprendizagem - NS3

2007.2

Metodologia do estudo e produção textual II - SN3
Metodologia do ensino de língua portuguesa II - NS3
Prática de ensino I - HT-1
Linguagem Oral da Educação Infantil - NS

2008.1

Metodologia do estudo e produção textual I
Metodologia do ensino de língua portuguesa I
Avaliação da aprendizagem

2008.2

Metodologia do estudo e produção textual I
Metodologia do ensino de língua portuguesa II
Linguagem Oral da Educação Infantil

2009.2

Metodologia do estudo e produção textual II
Metodologia do ensino de língua portuguesa II
Linguagem Oral da Educação Infantil

2010.1

Metodologia do estudo e produção textual I
Metodologia do ensino de língua portuguesa I
Avaliação da aprendizagem

2010.2

Metodologia do estudo e produção textual II
Metodologia do ensino de língua portuguesa II
Linguagem Oral da Educação Infantil

2011.1

Metodologia do estudo e produção textual I
Metodologia do ensino de língua portuguesa I
Avaliação da aprendizagem

2011.2

Metodologia do estudo e produção textual II
Metodologia do ensino de língua portuguesa II
Linguagem Oral da Educação Infantil

2012.2

Metodologia do estudo e produção textual II
Metodologia do ensino de língua portuguesa II
Linguagem Oral da Educação Infantil

2013.1

Linguagem Oral da Educação Infantil
Metodologia do estudo e produção textual II
Metodologia do ensino de língua portuguesa I

2013.2

Metodologia do estudo científico
Metodologia do estudo e produção textual II
Linguagem Oral da Educação Infantil

2014.1

Metodologia do estudo e produção textual I
Metodologia do ensino de língua portuguesa I
Avaliação da aprendizagem

2014.2

Metodologia do estudo e produção textual II
Metodologia do ensino de língua portuguesa II
Linguagem Oral da Educação Infantil
Metodologia do estudo científico

2015.1

Metodologia do estudo e produção textual I
Metodologia do ensino de língua portuguesa I
Metodologia do estudo científico

2015.2

Linguagem Oral da Educação Infantil
Metodologia do estudo científico

2016.1

Metodologia do estudo e produção textual II
Metodologia do ensino de língua portuguesa II
Metodologia do estudo científico
ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO II - LIC. EM LETRAS

2017.1

Metodologia do estudo científico
Metodologia do estudo e produção textual II
Metodologia do ensino de língua portuguesa I

2017.2

Metodologia do estudo e produção textual II
Metodologia do ensino de língua portuguesa II
Metodologia do estudo científico
Linguagem Oral da Educação Infantil

2018.1

Metodologia do estudo e produção textual I
Metodologia do ensino de língua portuguesa I
Metodologia do estudo científico

2018.2

Metodologia do estudo e produção textual II
Metodologia do ensino de língua portuguesa II
Linguagem Oral da Educação Infantil

2019.1

Metodologia do estudo e produção textual I
Metodologia do ensino de língua portuguesa I
ESTÁGIO I - Pedagogia
ESTÁGIO III- Pedagogia

2019.2

Metodologia do estudo e produção textual II
Metodologia do ensino de língua portuguesa II
LINGUAGEM ORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL
ESTÁGIO II - Pedagogia

2020.1

ESTÁGIO I – Pedagogia
ESTÁGIO III – Pedagogia
Metodologia do ensino de língua portuguesa I

2020.2

ESTÁGIO II - PEDAGOGIA
ESTÁGIO IV - PEDAGOGIA
Linguagem oral na educação infantil

2020.3

ESTÁGIO III – Pedagogia
Metodologia do ensino de língua portuguesa I

2020.4
ESTÁGIO II – Pedagogia
ESTÁGIO V – Pedagogia
ESTÁGIO III – Pedagogia

2021.1
ESTÁGIO III – Pedagogia
Metodologia do ensino de língua portuguesa I
Fundamentos da Língua Portuguesa

2021.2
ESTÁGIO II - PEDAGOGIA
ESTÁGIO IV – PEDAGOGIA
Metodologia do ensino de língua portuguesa II

Participação em Comissões e Colegiados na UFRPE

Coordenação de Gestão Pedagógica do PIBID/UFRPE - Dezembro de 2012 a Junho de 2014

Orientação de bolsistas PIBID/ Pedagogia 2010-2011

Colegiado de Coordenação Didática do Curso de Licenciatura em Química – 2007

Colegiado de Coordenação Didática do Curso de Licenciatura em Pedagogia – 2010 até o momento

Núcleo Docente Estruturante do Curso de Licenciatura em Pedagogia – 2011 até o momento

Comissão de Pesquisa do Departamento de Educação – 2010 - 2015

Comissão Eleitoral para eleição de Diretor e vice Diretor do Departamento de Educação Quadriênio 2008/2012

Comitê Assessor do programa de Monitoria - outubro/2008 a fevereiro/2009

Comissão de avaliação do processo de Progressão Horizontal da Professora Anna Paula de Avelar Brito de Menezes - maio/2006

Comissão de avaliação do processo de Progressão Horizontal da Professora Virginia Maria Loureiro Xavier - novembro/2006

Comissão de avaliação do processo de Progressão Vertical da Professora Severina Gomes Pereira - maio/2007

Comissão de avaliação do processo de Progressão Vertical da Professora Andrea Tereza Brito - agosto/2010

Comissão Própria de Avaliação – Departamento de Educação 2011-2012

Substituta eventual do Curso de Licenciatura em Pedagogia/UAEDTec 2018 até o momento

Orientações Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação

Josefa Cristina Tavares De Souza. O estágio na perspectiva dos estudantes de pedagogia da UFRPE. 2022

Emilayne Fabíola Ferreira da Silva. A prática docente e o ensino da oralidade na EJA anos iniciais: um estudo de caso. 2022

Joziane Melo da Silva. A contribuição do estágio supervisionado na formação do estudante de Pedagogia da UFRPE: a visão do discente. 2021

Luziara do Nascimento Oliveira. A contação de história na educação infantil como prática pedagógica: concepções de professores da região metropolitana do Recife. 2021

Marillia Maria dos Santos Araújo. Práticas de leitura com crianças de 0 a 3 anos em uma creche municipal do Recife. 2019

Myrleide Bias do Nascimento. Gênero textual: estudo e reflexão nas turmas de primeiro ano do ensino fundamental. 2019.

Keytiane Alexandre da Silva. O livro didático e a formação de leitores na EJA. 2018.

Érica Cristina Pereira da Silva. Os gêneros textuais e o ensino da leitura e da escrita na EJA. 2018.

Jaqueline da Silva Bernardo. Reflexões sobre as práticas de leitura e escrita no grupo 05 da educação infantil. 2017.

Nayara Leite Miranda e Renata Georgia S. Santos. O Significado da Avaliação da Aprendizagem na Alfabetização. 2011..

Telma de Fátima Araújo Machado e Wanessa Ewen. Reflexões acerca da importância do letramento digital para formação inicial de professores. 2011.

Waydja Cybelli Cavalcanti, Vanessa Natália Barbosa da Silva. Alfabetização e Letramento: conhecendo um pouco o que pensam os docentes.. 2010.

Renatta da Costa Lins. A prática do professor alfabetizador. 2010..

Adriana Maria da Silva Siqueira / Maria José Alexandrina da. Práticas de ensino da língua escrita na educação infantil: um estudo de caso. 2008.

Roberta Magna Almeida Cordeiro. Avaliação da aprendizagem: o olhar dos professores do ensino fundamental I da Rede Municipal do Recife. 2008.

Nathalie Alves da Silva. Práticas lúdicas na Educação de Jovens e Adultos: um caminho motivador no processo de ensino-aprendizagem?. 2008.

Participação em bancas - Graduação

Mírian Rafaelly Malafaia da Silva Alves. “Livro didático de língua portuguesa: estratégias para o uso no processo de ensino-aprendizagem”. 2021

Eliete Vieira Corrêa de Araújo. “Alfabetização de discentes fora de faixa etária nos anos iniciais do ensino fundamental: um estudo com a poesia visual” 2021

Mariana Santana de Lira. “Contar histórias na educação infantil: um estudo de caso de uma escola municipal de Recife” 2021

Cryslane Daiana Moraes da Silva O uso das tecnologias digitais em tempos de pandemia: um estudo de caso em creche Municipal da Cidade do Recife-PE” 2021

Leonardo José Nunes de Assis. A contação de história nos anos iniciais da educação infantil e suas contribuições nos processos de ensino e aprendizagem. 2019

Hadassa dos Santos Bezerra. A revista da escola dominical e as contribuições para o ensino da língua escrita. 2019

Talita Rodrigues de Melo. Rodas de leitura: uma intervenção sobre o ato de ler. 2019

Marília Silva Ribeiro Campelo. Educação Infantil e o ensino do sistema de escrita alfabética. 2019

Ana Rúbia Arruda da Silva. Alfabetização e letramento: uma reflexão sobre a prática pedagógica de uma professora do 5º. Ano. 2018

Maria Refaela Albuquerque de Souza. O uso da mesa educacional positivo no processo de alfabetização e letramento na educação infantil: um estudo de caso em uma escola da rede municipal do |Recife.. 2018.

Graciele Selma da Silva.Os conceitos de rural, urbano, campo e cidade nos livros didáticos de geografia do ensino fundamental. 2018.

Caroline Vieira de Freitas. Como uma professora do 3º ano do ensino fundamental organiza suas atividades para o processo de ensino aprendizagem da leitura. 2018.

Eveline Agostinho de Lira Souza. Alfabetização no 1º segmento da Educação de Jovens, Adultos e Idosos. 2017

Emily Cavancanti Braz. Jogos na alfabetização: contribuições para o processo ensino-aprendizagem do sistema de escrita alfabética. 2017

Missilene Maria Silva Costa. Literatura infantil afro-brasileira: possibilidades e contribuições da identidade das crianças negras. 2017.

Fabiana Maria de Andrade Ferreira e Luciene Gonçalves Dumas. A mediação de conflitos e violência dentro da sala de aula. 2015.

Noélia Carolina de Silva Melo. Educação integral: situando interrelações entre teoria e prática. 2014.

Danielle da Silva Araújo. V Jornada de Licenciatura em Pedagogia. 2013

Renata Carvalho da Silva. O grafite em uma perspectiva didática nos contextos educacionais do Grande Recife. 2010.

Cristiana Vasconcelos do Amaral e Silva. A formação continuada de professores das séries iniciais da região metropolitana do Recife: sua influência na prática cotidiana em salas de aula. 2008

Orientações Trabalho de Conclusão de Curso – Especialização

Paula Fernanda Dede do Nascimento. Ensino de produção textual na Educação de Jovens e Adultos. 2006.

Maria Marta de Oliveira. Leitura e compreensão nas turmas do ensino fundamental. 2006

Maria Tereza Ferreira G. do Nascimento. Influências das concepções de língua e texto nas estratégias didáticas dos professores de Língua Portuguesa das séries iniciais. 2006

Participação em bancas - Especialização

Carlos Albuquerque. de Araújo. Processo de referência anafórica em Livros didáticos. 2006.

Jaciara Gomes. Análise pragmático-enunciativa do discurso feminino. 2006.

Gildraildes Batista Leite. A (des)articulação das ideias no gênero dissertativo argumentativo. 2006.

Wesler Cavalcanti Silvério da Rocha. Estudo comparativo da forma enunciativa de informações em jornal impresso e digital. 2007.

Orientação de Dissertação – Mestrado

Cássia Maria de Souza Leão. Práticas de letramento: um olhar sobre a escrita de resumos críticos e de chats por alunos no Ensino Médio. 2010

Participação em bancas - Mestrado

Suzani dos Santos Rodrigues. Formação em Rede do PNAIC: concepções e práticas dos formadores e orientadores de estudo. 2015.

Josiane Almeida da Silva. Atividades de produção textual: concepções de língua na prática docente. 2013

Maria Tereza Ferreira Gomes do Nascimento. A exposição oral na Educação Infantil: Contribuições para o ensino e aprendizagem dos gêneros orais na escola. 2009.

Margarete Maria da Silva. Representações sociais do ensino da língua escrita. 2009.

Fátima Maria Ribeiro de Melo. Uma leitura do texto clariceano em sala de aula. 2008.

Ana Paula Berford Leão dos Santos Barros. Práticas de escrita e formação docente: da produção textual cotidiana à construção do artigo científico. 2008.

Débora Amorim Gomes da Costa. Livros didáticos de Língua Portuguesa: propostas didáticas para o ensino da linguagem oral. 2006.

Daisinalva Amorim de Moraes. As práticas de alfabetização de professoras da rede estadual de ensino de Pernambuco e a formação de crianças alfabetizadas e letradas. 2006.

Roseane Pereira da Silva. Atividades de produção de textos no livro de alfabetização: o caso do Novo Letra Viva. 2004.

Participação em bancas - Doutorado

Djário Dias de Araújo. Análise de práticas dialógicas de linguagens no ciberespaço fanfiction: importantes reflexões. 2019.

Abda Alves Vieira de Souza. O pacto Nacional pela alfabetização na idade certa e a formação docente: entre saberes e fazeres. 2018.

Jorge Luís Lira da Silva. O ensino da gramática/análise linguística na sala de aula: reflexões sobre concepções e práticas de professor e integrantes do GEDELP/SEDUCC/PE. 2016

Sirlene Barbosa de Souza. Cenas do cotidiano escolar: o savoir faire dos professores dos anos iniciais no ensino de língua escrita e nos usos do escrito no Brasil e na França. 2016.

Alexsandro da Silva. Entre “ensino de gramática” e “análise linguística”: um estudo sobre mudanças em currículos e livros didáticos. 2008.

Orientação de Iniciação Científica

Gustavo Manoel da Silva Gomes . Experiências de letramento escolar nos livros didáticos de história e manual do professor: atividades e sequências didáticas. 2008-2009

Rita de Cássia Muniz. A escrita do professor como estratégia de formação. 2006-2008

Nayara Leite Miranda. Letramento escolar: práticas de leitura e escrita nos livros didáticos de história e geografia. 2009-2010

Coordenação ou participação em projeto de pesquisa e extensão.

Coordenação do projeto "A ludicidade no processo de ensino-aprendizagem da língua escrita, no período de 26/04/2021 a 30/06/2021.

Coordenação do projeto "A prática Pedagógica e a formação de professores em espaços escolares e não escolares", cadastrado no edital SÔNUS 2021, no período de abril a junho de 2021

Coordenação do projeto de pesquisa: Letramento escolar: práticas de leitura e de escrita nos livros didáticos de História e de Geografia

Coordenação do projeto de pesquisa: A escrita do professor como estratégia de formação. 2006

\

Artigos completos publicados em periódicos

SANTOS, C. F. Les politiques publique pour l'implantation des TIC dans l'éducation au Brésil. *Adjectif Analyses*. Juin 2012. <https://adjectif.net/spip.php?article143>

SANTOS, C. F. As representações da escrita e seu ensino por professores das séries iniciais. *Revista Letras (UFSM) online*, v. 22, p. 85-106, 2012. <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12192/7586>

SANTOS, C. F.. A argumentatividade em textos infantis e sua forma de ensino na escola. *Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte*, v. 11, n.1, p. 149-162, 2003.

SANTOS, C. F.. A formação em serviço do professor e as mudanças no ensino de língua portuguesa. *ETD. Educação Temática Digital, campinas*, v. 03, n.02, p. 1, 2002.

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/605/620>

SANTOS, C. F.. A produção de textos argumentativos por crianças das séries iniciais. *Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas*, v. 39, n.jan/jul, p. 95-104, 2002.

SANTOS, C. F.. o ensino da leitura e a formação em serviço do professor. *Teias (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro*, v. 05, n.junho, p. 29-34, 2002.

Livros publicados

Cabral, A.C. S. (Org.) ; SANTOS, C. F. (Org.) ; ANDRADE, J. A. (Org.) ; Araújo, L. F. (Org.) ; BARBOSA, L. F. (Org.) . *Saberes e fazeres da prática pedagógica: experiências didáticas do PIBID/ Pedagogia-UFRPE no espaço escolar*. 1. ed. Recife: EDDUFRPE, 2020. v. 1. 176p .

SANTOS, C. F.; MENDONCA, M. (Org.) ; CAVALCANTE, M. C. B. (Org.) . *Diversidade Textual: os Gêneros na sala de aula*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. v. 1. 132p .

SANTOS, C. F.; MENDONCA, M. (Org.) . *Alfabetização e letramento: conceitos e relações*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. v. 1. 152p .

Capítulos de livros publicados

SILVA, A. X. ; SANTOS, C. F. ; ARAUJO, E. V. C. ; CASTRO, M. V. R. . Reflexões iniciais da prática docente na Educação Infantil. In: Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral; Carmi Ferraz Santos; Juliana Alves de Andrade; Lúcia de Fátima Araújo; Lúcia Falcão Barbosa. (Org.). Saberes e fazeres da prática pedagógica: experiências didáticas do PIBID/ Pedagogia-UFRPE no espaço escolar. 1ed.Recife: EDDUFRPE, 2020, v. 1, p. 35-44.

SANTOS, L. L. C. F. ; SANTOS, C. F. ; TAVARES, M. C. ; CASTRO, M. V. R. . As lendas regionais aproximando família e escola na educação infantil exercitando a linguagem oral e escrita. In: Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral; Carmi Ferraz Santos; Juliana Alves de Andrade; Lúcia de Fátima Araújo; Lúcia Falcão Barbosa. (Org.). Saberes e fazeres da prática pedagógica: experiências didáticas do PIBID/ Pedagogia-UFRPE no espaço escolar. 1ed.Recife: EDDUFRPE, 2020, v. 1, p. 57-70.

SILVA, A. A. ; SANTOS, C. F. ; CASTRO, M. V. R. ; PAIVA, M. C. R. S. . O PIBID e as práticas lúdicas no ensino de Matemática e Língua Portuguesa na Educação Infantil .. In: Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral; Carmi Ferraz Santos; Juliana Alves de Andrade; Lúcia de Fátima Araújo; Lúcia Falcão Barbosa. (Org.). Saberes e fazeres da prática pedagógica: experiências didáticas do PIBID/ Pedagogia-UFRPE no espaço escolar. 1ed.Recife: EDDUFRPE, 2020, v. 1, p. 95-106.

Cabral, A.C. S. ; SANTOS, C. F. ; Araújo, L. F. . O ensino da leitura e da escrita na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental: experiências vivenciadas no PIBID/PEDAGOGIA- UURPE.. In: Ana Catarina Cabral, Juliana Alves de Andrade, Lúcia Falcão Barbosa. (Org.). Construindo cenários de Aprendizagem: um olhar sobre as práticas pedagógicas do PIBID/UFRPE. 1a.ed.Recife: UFRPE, 2017, v. , p. 180-191.

Leão, Cassia M. S. ; SANTOS, C. F. . A ESCRITA NA ESCOLA: Uma experiência com práticas de letramento distintas. In: Beth Marchuschi ; Telma Ferraz Leal. (Org.). Estudos em Educação e Linguagem: da educação infantil ao ensino médio.. 1ed.Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012, v. , p. 247-276.

SANTOS, C. F.; COSTA-MACIEL, D. A. G. ; FIGUEIREDO, M. L. . Atenção, senhores ouvintes: as notícias nas ondas do rádio.. In: Telma Ferraz Leal; Siane Gois. (Org.). A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco da reflexão. 1a.ed.Belo Horizonte: Autêntica, 2012, v. , p. 115-136.

SANTOS, C. F.; FIGUEIREDO, M. L. . Gêneros digitais e ensino de língua. In:

Telma Ferraz Leal ; Alexsandro da Silva. (Org.). Recursos didáticos e ensino da língua portuguesa: computadores, livros... e muito mais. Curitiba: Editora CRV, 2011, v. , p. 55-74.

SANTOS, C. F.. Leitura: modelos e perspectivas teóricas. In: Antonio Carlos Xavier. (Org.). O texto na escola: produção, leitura e avaliação. Recife: , 2007, v. , p. 49-58.

Nascimento, Maria Tereza F.G. ; SANTOS, C. F. . Influência das concepções sobre língua e texto nas estratégias didáticas dos professores de Língua Portuguesa das séries iniciais. In: Antonio Carlos Xavier. (Org.). O texto na escola: produção, leitura e avaliação. Recife: , 2007, v. , p. 133-144.

MUNIZ, R. C. ; SANTOS, C. F. . O professor-escriptor: a prática de registro. In: Paulo Roberto Campos de Araújo. (Org.). Caminhos da Ciência. Recife: EDUFRPE, 2007, v. v 2, p. 41-56.

SANTOS, C. F.. O ensino da língua escrita na escola: dos tipos aos gêneros textuais. In: Carmi Ferraz Santos; Marcia Mendonça; Marianne C. B. Cavalcante. (Org.). Diversidade Textual: os Gêneros na sala de aula. 1ed.Belo Horizonte: Autêntica, 2006, v. , p. 11-26.

SANTOS, C. F.; MENDONCA, M. ; CAVALCANTE, M. C. B. . Trabalhar com textos é trabalhar com gêneros?. In: Carmi F. Santos; Marcia Mendonça; Marianne C. B. Cavalcante. (Org.). Diversidade Textual : os Gêneros na sala de aula. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, v. , p. 27-42.

SANTOS, C. F.; MENDONCA, M. ; CAVALCANTE, M. C. B. . O trabalho com Gêneros por meio de projetos. In: Carmi F. Santos; Marcia Mendonça; Marianne C. B. Cavalcante. (Org.). Diversidade Textual: os gêneros na sala de aula. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, v. , p. 115-132.

SANTOS, C. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C. . Alfabetizar letrando. In: Carmi Ferraz Santos; Márcia Mendonça. (Org.). Alfabetização e letramento: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, v. 1, p. 95-110.

SANTOS, C. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C. ; MENDONCA, M. . Alfabetização e letramento nos livros didáticos. In: Carmi Ferraz Santos; Marcia Mendonça. (Org.). Alfabetização e letramento: conceitos e relações. 1ed.Belo Horizonte: Autêntica, 2005, v. 1, p. 111-132.

SANTOS, C. F.; XAVIER, Antonio Carlos dos Santos . E-forum na internet: um gênero digital. In: Julio Cesar Araujo; Bernadete Biasi-Rodrigues. (Org.). Interação na internet. 1a.ed.Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, v. , p. 30-38.

SANTOS, C. F.. Alfabetização e escolarização: a instituição do letramento escolar. In: Carmi Ferraz Santos; Marcia Mendonça. (Org.). Alfabetização e letramento: conceitos e relações. 1ed.Belo Horizonte: Autêntica, 2005, v. 1, p. 23-36.

Apresentações de Trabalho

SANTOS, C.F. Rodas de conversa: prática pedagógica e ensino na Educação Básica (Apresentação de trabalho no XIX Congresso de Extensão).

SILVA, E. C. P. ; SANTOS, C. F. . Os gêneros textuais e o ensino da leitura e da escrita na EJA. 2019. (Apresentação de Trabalho/Seminário).

SANTOS, C.F. Letramento e contexto escolar: produção textual nos livros didáticos de história e geografia. 2013

SANTOS, C. F.. Políticas públicas para formação de professores e inserção das TIC na educação. 2012. (Apresentação de Trabalho/Simpósio).

SANTOS, C.F. Ensino de história e competência leitora: questões de compreensão nos livros didáticos. 2010

MUNIZ, R. C. ; SANTOS, C. F. . A escrita reflexiva da prática docente. 2009. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

MUNIZ, R. C. ; SANTOS, C. F. O registro docente: uma estratégia na construção do sentido. 2008

SANTOS, C. F.. Leitura e Ensino de História: questões de compreensão nos livros didáticos. 2008. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

SANTOS, C. F.. Linguagem e aprendizagem: o papel da formação de professores. 2008. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

Nascimento, Maria Tereza F.G. ; SANTOS, C. F. . A prática docente dos professores de língua portuguesa das séries iniciais do ensino fundamental. 2008. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

SANTOS, C. F.. Letramento e ensino de História: os gêneros textuais nos Lds de História. 2007. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

SANTOS, C. F.. A relação do professor com a escrita durante sua formação. 2006. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

SANTOS, C. F.. Letramento e representação de escrita. 2006. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

SANTOS, C. F.. Análise de práticas de leitura e escrita de professores. 2005. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

SANTOS, C. F.. Leitura e escrita do professor: diagnoses. 2004. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

SANTOS, C. F.. O ensino da produção textual na escola. 2004. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

SANTOS, C. F.. Construindo saberes sobre a escrita: a reconfiguração de conceitos pelo professor. 2003. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

SANTOS, C. F.. Escrita e ensino: a representação social de professores das séries iniciais. 2003.

SANTOS, C. F. A escrita e seu ensino. 2002

SANTOS, C. F. O professor e a escrita: seus saberes e saber-fazer. 2001

SANTOS, C. F. A produção acadêmica sobre leitura. 2001

SANTOS, C. F. A argumentatividade em textos infantis. 2001

SANTOS, C. F. Ensino de leitura e formação de professor. 1999.

SANTOS, C. F. Ensinar língua portuguesa nas séries iniciais:...e se a formação em serviço não ajuda a transformar o que-fazer docente. 1999

SANTOS, C. F. Analisando a formação em serviço do professor das séries iniciais: o ensino da língua escrita. 1998

Trabalhos técnicos

Parecer Obras do Programa Nacional Biblioteca na Escola. 2010.

Consolidação Obras do Programa Nacional Biblioteca na Escola. 2010.

Parecerista do PNLD 2007

Mediação de leitura: um desafio para formação de leitores em ambientes escolares. 2012. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Caderno de Estudos).

SANTOS, C. F.; MENDONCA, M. . Diversidade textual: os gêneros textuais na sala de aula. 2006. .- Guia Didático

SANTOS, C. F.; MENDONCA, M. ; CAVALCANTE, M. C. B. . Vídeo Diversidade textual: os gêneros na sala de aula. 2006. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Vídeo educativo).

<https://www.youtube.com/watch?v=nGAfO44WJcs&t=266s>

SANTOS, C. F.; MENDONCA, M. - Alfabetização e letramento: conceitos e relações. 2005. – Guia Didático

SANTOS, C. F.; MENDONCA, M. ; LEAL, T. F. . Vídeo - Alfabetização e letramento: conceitos e relações. 2005. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Vídeo educativo).

https://www.youtube.com/watch?v=Gb_HDtzgmGo